

A Construção do Tempo

"Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazíeis o próprio tempo".

Sto. Agostinho

O estranho menino que foi Edgar Wanderley, seus passeios solitários, aos nove anos, por campos despovoados, a sua freqüente procura de lugares altos, morros e colinas, onde contemplava a natureza em silêncio, olhava o céu, embevecido e intrigado, esperava o sair das estrelas, percorria o espaço infinito até onde pudessem os olhos e a imaginação, tudo isto fazia-o ser chamado de poeta, por alguns, de "menino esquisito" por outros.

Fascinante, o andamento do tempo, deixando-o curioso por saber como se processava o movimento dos astros, o rendilhado das constelações, levando-o a curiosidade e o desejo de saber a cursar o científico, aos dezessete anos, preparando-se para o vestibular, em 1943, não o realizou por ser convocado para o serviço militar, na cidade de Timbaúba, onde nascera, e da qual seria enviado, um ano após, para a Itália, junto ao Regimento Sampaio, onde outros jovens como ele preparavam-se para enfrentar as batalhas cruentas, ceifadoras de juventude.

É lá que conhece um conterrâneo de Pernambuco, com o qual faz amizade, e a quem expõe suas idéias e preocupações a respeito do mecanismo celeste, do tempo e suas implicações com o mundo. O companheiro de armas, coincidentemente, manifestava as mesmas preocupações, mas não tentava se tornar cientista ou inventor: sua vocação fazia-o preferir a carreira literária, à qual se dedicaria com empenho e sucesso, logo regressasse à pátria.

Os dois conversavam muito, sempre que podiam, nas horas de trégua, cada qual falando de seus projetos e ambições particulares. Numa dessas conversas, Osman Lins, o companheiro de Edgar Wanderley, fala a propósito de seu interesse por mecanismos de relojoaria, referindo-se, naquela ocasião, ao célebre relógio de Julius Heckerthorn, da sua complicada

história, de como funcionava, às vezes ao som da música de Scarlatti, em momentos intercalados. Falou ainda da sua vontade de, algum dia, escrever um livro, no qual descreveria o engenhoso invento.

Edgar Wanderley, impressionado com a história que ouvira, anotou em uma caderneta todos os detalhes da mesma, disposto, por seu lado, a criar algo parecido, se escapasse vivo daquele horrível mundo de carnificina.

Passa o tempo disponível idealizando alguns inventos, possivelmente influenciado pelo amigo. Durante uma patrulha de reconhecimento, perde-se dos companheiros, permanecendo três dias e três noites escondido em um buraco no sopé de um monte, em pleno rigor do inverno europeu, escapando, desta maneira, de ser aprisionado pelo inimigo.

Na segunda noite dessa terrível experiência, faminto e com os membros entorpecidos pelo frio, adormecendo, tem um sonho ou visão, na qual lhe aparece uma grande bola esférica, dentro da qual dançavam números e horas, minutos e segundos, os meses e os anos, em todos os sentidos e direções.

Ferido na perna direita, perto de Verona, E. Wanderley é recolhido pela Cruz Vermelha ao hospital, onde, depois de curado, encontra tempo para criar, com humor, as "Tartarugas SS", utilizando capacetes de prisioneiros nazistas. Distraía-se com essas coisas, esperando que tudo aquilo terminasse, para então iniciar a concretização do relógio que vira em sonho.

É promovido a cabo, ainda no hospital. Por sorte a guerra termina, e Edgar Wanderley consegue licença para permanecer na Europa por mais três meses. Conhece a Holanda, terra dos seus ancestrais. Visita Amsterdam e Delft, adquirindo, nesta última cidade, A Cosmologia da Luz, de Al-Suhrawardi, e o notável Horologium Oscilatorium, de Christiaan Huygens, o "Arquimedes da Holanda". Depois vai a Paris, visitando o Museu do Homem, o Observatório de Paris, e uma grande mostra de arte surrealista, ficando encantado com uma tela de Max Ernst, o célebre "Elefante Célèbes";

compra alguns livros - entre eles, uma rara edição sobre Tantra, e Locus Solus, de Raymond Roussel.

Volta ao Brasil, instalando-se novamente em Timbaúba, onde pretende se dedicar ao estudo da mecânica e iniciar a construção do seu relógio, baseando-se em novas idéias sobre a mensuralidade do tempo. Passa alguns meses apenas, convencido de que deverá isolar-se completamente. Vende uma pequena fazenda e compra uma casa com cinco hectares em Triunfo, no meio do sertão pernambucano, para onde se retira.

Em homenagem ao autor de "Impressões da África", sua propriedade recebe o nome de Locus Solus, saindo o inventor de lá apenas para curtas viagens ao Recife e, mais raramente ainda, ao Rio de Janeiro e a São Paulo.

Dotado de extraordinária habilidade manual, fabrica, peça por peça, todo o mecanismo do relógio, entre 1946 e 1954. Escolhe a forma esférica, por ser a que se apresenta em seu sonho, e por simbolizar a ordem universal dos globos celestes.

O bojo esférico mede oitenta centímetros de diâmetro, é transparente, de cristal, encimado por hastes em forma de catavento, recolhedoras da energia necessária para o seu funcionamento, saindo, de baixo, um tubo alongado, como uma mangueira de plástico, presa a uma Caixa de Ventos, ou Reservatório de Ar, ou ainda, Depósito de Eolo, como o chama, de preferência, Edgar Wanderley.

Sobre o globo transparente, exposto continuamente ao sol e à chuva, uma numeração de 1 a 24, inserida em linhas horizontal e perpendicular, rotativas, indicava, na confluência dos números, o tempo, a linha da vida, recolhendo nuvens de vários tipos, ora distantes, ora próximas, cúmulos, cirros, estratos, nimbos. Suas formas e contornos, pausa ou rápida passagem, influem no andamento das horas. Assim também a chuva e o sol, cada qual de modo diferente, atuam sobre o relógio, surgindo momentos de pontilhado júbilo ou estridente alegria. O silêncio aparece em momentos inesperados, criados pelas longas ou breves passagens nubladas, cuja demora

ou rapidez alteram as funções de trabalho, ou se inserem, placidamente, no ritmo natural das coisas.

Edgar Wanderley, contudo, pensa em situar o bojo esférico do relógio em uma tina de quatro metros de largura por três de altura, semi-circular, de bronze polido, girando aquele, dentro da mesma, em um único movimento de rotação, como a própria Terra, além dos outros, aos quais estava naturalmente sujeito pelas leis que regem o planeta sobre o qual, minuscilamente, se apoiava.

Não querendo se afastar da força contida no significado da origem dos mundos, em particular o seu, Edgar Wanderley achava que, desse modo, a tina semicircular, cheia de água, embora parada, simbolizava, em síntese, os oceanos; o relógio esférico era a própria Terra, cada vez mais invadida pela segunda natureza, a artificial, representada pelo próprio mecanismo interno do relógio; finalmente, o vento, como força impulsionadora, simbolizava, simbioticamente, o tempo que passa, célere ou lento, empurrando no espaço, as nuvens de várias partes, nas quais podiam ser vistas inúmeras figurações de algúrios arquetípicos, ou fulgurações fantásticas, estimulantes serenos de fantasias míticas, desejos de retorno paradisiáco, contemplações poéticas sobre o transitório, imagens fortalecedoras da imaginação criativa.

Ao redor da tina semicircular, Edgar Wanderley gravou, em letras amarelo-ouro, a frase latina SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS, este palíndromo repetido várias vezes, até fechar-se em si mesmo, como um friso contínuo, cuja leitura, da esquerda para a direita, e vice-versa, dava, ilusoriamente, ao leitor, a sensação pendular de um vai-e-vem.

No entanto, E. Wanderley não se dava por realizado. Baseando-se em um estranho desenho de Joahnes Kepler, publicado em 1596, na sua primeira obra, "onde pretendia demonstrar a harmonia do universo através da comparação do sistema planetário com os cinco poliedros da geometria, precisamente a concepção de Platão no Timeu", conseguiu introduzir novos ele

mentos à sua invenção.

Aproveitando a energia solar, criou um sistema luminoso que substitua os ponteiros como indicadores do tempo. Uma vez que à noite a temperatura caía bastante, influenciando no andamento do relógio, construiu um depósito de raios solares, batizado depois com o nome de Solarium, que armazenava suficiente energia para a iluminação noturna da esfera de cristal.

Com isto uma nova informação foi acrescentada ao invento: o desfile diurno de nimbos e cirros, repetia-se à noite, graças ao processo da recorrência eterna, propiciando apresentações coloridas e feéricas a nuvens de contornos irregulares.

Entre 1954 e 1958, Edgar Wanderley realiza profundos estudos de química celeste, convencido de que poderia reconstituir certas condições naturais da passagem do tempo, através da captação do segredo da lei do eterno retorno. Passa os dias ora apegado aos livros, ora meditando silenciosamente, nas noites frias do sertão, quando o céu limpo abre-se em leque, de ponta a ponta, num convite místico para o salto noturno. Sua inquietude leva-o a considerar inacabado seu invento, sentindo que poderia introduzir no mecanismo uma nova realidade, aparentemente metafísica, mas oriunda de experiências científicas concretas.

Lê o Tao, ou o Livro das Mutações, ficando cativado pela beleza de suas verdades dialéticas, mas não pode delas servir-se, a não ser no plano espiritual, por lhes faltar, a elas, elementos e dados objetivos, como existem na mecânica.

Resolve ir ao Recife, onde passa cerca de duas semanas, afastando-se de suas fatigantes pesquisas. Estamos em 1958. Wanderley se entusiasma ao ver, recém-editado, um livro sobre Cibernética. Compra-o e, lendo-o, ocorre-lhe a resposta para o seu problema.

Consistia em como excitar, pela radiação ultravioleta, uma mistura de gases contida no bojo do relógio, a qual reproduziria as condi-

ções da atmosfera primitiva.

Voltando a Triunfo, constrói um aparelho que permite a circulação de um líquido em circuito fechado, tendo por órgão principal o próprio bojo do relógio de oitenta centímetros de diâmetro, sob um condensador, sendo de alguns centímetros cúbicos por segundo a velocidade de circulação do fluido.

Edgar Wanderley enche o bojo esférico de uma mistura gasosa, constituída de metano, amônia e hidrogênio, sob as pressões, respectivamente, de vinte, vinte, e dez centímetros de mercúrio. Levando em conta a sua vaporização e a temperatura conseguida, próxima a sessenta graus, a pressão total era quase a de uma atmosfera. A excitação, por outro lado, era assegurada por eletrodos de tungstênio, enquanto uma bobina Tesla produzia faíscas disruptivas, à semelhança de velas de automóvel. Edgar Wanderley deixa o bojo esférico em funcionamento contínuo por uma semana, tendo o cuidado de isolar as peças mais delicadas, e, ao fim deste prazo, entrega-se a uma análise sistemática dos compostos formados, graças aos métodos cromatográficos.

O resultado foi sensacional: dentro do bojo se haviam sintetizado compostos atmosféricos que representavam a consecução do seu sonho mais recente: o controle, pela química celeste, dos instantes primordiais do eterno retorno. Uma nova dimensão fora acrescentada ao seu invento: um relógio esférico, ao qual dera o nome de Timeu, não só marcava o momento atual e o passado recente, mas ia além, trazendo ao presente instantes atmosféricos do passado remoto, primitivo. Quia mais faltava à sua invenção senão o reconhecimento? Assim não pensava o eterno insatisfeito Edgar, pois lhe faltava ainda detectar, sob controle, o tempo futuro.

Durante todo esse período E. Wanderley se descuidara das finanças, percebendo subitamente que se encontrava quase sem dinheiro. Resolve ir à Timbaúba e, lá, recebe do pai, por conta dos seus direitos de herança, uma razoável quantia que o deixa despreocupado, quanto a isso, por cerca de dois anos. Superado o problema, volta novamente aos estudos e

meditações.

Em Locus Solus, cultivara um pequeno bosque e um jardim, encontrando-se, este último, meio abandonado. Em seus passeios diários, sente a necessidade de refazer o jardim. Planeja e manda construir um lago, aproveitando uma queda d'água existente em suas terras. Sente-se melhor com as benfeitorias realizadas, chegando a convidar algumas pessoas para uma visita à sua casa. Mas, precavidamente, não lhes mostra o relógio, cobrindo-o com uma lona plastificada. Diz tratar-se de um simples reservatório de água.

Nos dias que se sucedem, o problema do tempo absorve-o inteiramente.

Está quase desistindo de prosseguir no empenho de completar o seu invento, faltando-lhe apenas incluir neste a terceira e última etapa temporal: o futuro. Mas, lhe acontece receber pelo correio um livro, enviado não sabia por quem, no qual, certo dia, sentado à beira do lago, lê estes versos de Walther Von der Vogelweide, de quem jamais ouvira falar: "Aquele que nunca teve um começo/ e pode criar um começo,/ certamente poderá criar um fim/ ou criar o futuro infinito".

Evidentemente, o poema aludia a Deus, onipotente, criador de todas as coisas. Apesar de não ser nenhum deus, Edgar Wanderley achou que aquilo podia ser um estímulo à sua inventividade, para que prosseguisse.

Se o presente, que implicava sempre na fluidez contínua para o passado, determinava a detecção de duas escalas de tempo, como poderia, partindo do princípio inverso, obter a inserção do futuro, de modo antecipado? O futuro lhe surgia como uma sombra mentirosa, e a verdade do que iria acontecer, do devir, era problema que mergulhava nas águas abissais da escatologia. Enredado em tais dificuldades, ainda assim Edgar Wanderley compreendeu uma coisa de relativa simplicidade: o presente e o passado eram forças propiciadoras de uma outra força, eram realidades tempo-

rais energéticas, e, como tais, poderosos propulsores de uma terceira força. Assim pensava. A existência do futuro estava sendo provada a cada minuto do presente, assim como o passado, que consistia, em termos simples, em resíduos cumulativos do presente.

Do ponto de vista teórico, as elocubrações de Edgar Wanderley se encaixavam, relativamente bem, ao seu "modus cogitandi". E poderia, coisa à qual estava inclinado, perder-se em teotizações deste tipo, até a exaustão. O difícil era conseguir materializar, no seu relógio, a detecção antecipada do que iria acontecer, não só do futuro imediato, de um a dois dias, como no futuro mais remoto, de vários anos.

Parado diante do complexo mecanismo do Timeu, pôs-se a observá-lo, tentando vislumbtar a possibilidade de uma resposta para o problema. Notou que na tina semicircular de bronze estampavam-se várias manchas esverdeadas, pôndo-se a caminhar ao redor, olhando, como em um mapa mundi, formas recortadas de ilhas, continentes, oceanos, todo um mundo terrestre, espelhado e grudado na tina, que há muito deixara de ser polida.

Quem as trouxera senão o futuro? Se antes não existiam, não fora, pois, o passado que ali as depositara, muito embora a ele também já pertencessem. Mas elas não existiam no passado mais distante, quando construiu a tina. Assim, se agora eram visíveis, com certeza, também ontem ali se encontravam. E se ontem ali já estavam, antes de ontem possivelmente já estariam. Então as manchas, embora ali estivessem, visíveis aos seus olhos, eram sem dúvida objetos do passado. Por outro lado, não tinham vindo de antes, mas do depois, pois nada vem de uma coisa que passou, portanto se elas vieram, vieram do futuro, que é o que está sempre a se aproximar.

Deste modo, houvera uma transformação na tina, pois aquilo que sempre é sempre não se transforma, sendo conhecido pela própria inteligência. Se se transformara é porque nem sempre fora.

Edgar Wanderley sentia-se estonteado com os malabarismos da sua mente. Tratava-se de uma resposta insatisfatória, pois se as manchas ti-

vesem vindo do futuro, era aquele um futuro recente. Era preciso que o relógio captasse coisas vindas do futuro longínquo, e, sobre isto, que idéia podia se fazer de coisas que ainda não tinham sido?

Deveria mandar polir novamente a tina, apagando as manchas de formas geográficas, ou conservá-las e esperar pelos acontecimentos? Se as apagasse, estaria eliminando dados visíveis do presente e do passado mais próximo.

Suas dúvidas e preocupações levaram-no por fim à cama, lugar onde cessam todas as resistências, onde a natureza, usando o bálsamo do sono, aplacina as tensões, despedindo o cansaço.

Naquela noite, porém, as agitações do dia estavam determinadas a não lhe dar descanso, e Edgar Vanderley teve sonhos espantosos, sua mente transformava-se em gigantesca tela panorâmica onde desfilavam, transportadas da tina de cobre, as grandes manchas recolhidas pelo inconsciente, agora ampliadas, movediças, e de várias cores. Não havia tempo de detê-las e elas cresciam, invadiam todo o espaço onírico, reservado às fantasias noturnas, para sumirem depois, como se atraídas por um segundo espaço, paralelo ao seu mundo psíquico. Depois, pôde observar que, perto onde estava a tina por ele fabricada, havia uma outra, suspensa, e em posição contrária, cuja abertura ficava distante do chão uns quatro metros. E, lá estavam, as manchas que vira sumir, como se recém-vindas. Percebia algo distinto, alguma diferença, sem no entanto atinar o que seria. Depois tudo fora se apagando de sua mente e um grande hiato branco transpôs a madrugada, até às cinco e trinta, quando acordou. Lembrou-se imediatamente do sonho, encaminhando-se para o Tímeu, onde a tina permanecia muda e enigmática, havendo realmente alguma coisa estranha nela. Edgar rodeou-a várias vezes até se dar conta de que todas as formas de continentes, mares e ilhas, se haviam ~~se~~ modificado, já não eram iguais às que vira no dia anterior. Volta à casa, abre em cima da mesa um grande mapa terrestre, e não lhe é preciso muito tempo para perceber o que acontecera: as formas e os seus contornos haviam,

também, mudado nas manchas da tina, era como se tivessem antecipado a concretização da teoria do afastamento gradual dos continentes. Aquilo que agora via bem poderia ser o nosso mundo de aqui a quinhentos anos, ou mais. O futuro fora captado de maneira estranha e aleatória, mas, quem sabe, não fora o próprio tempo a interferir, num efeito de autoconcentração intensiva, efetivando aquela mudança?

Edgar Wanderley estava atônito. Como pudera ser aquilo? Racionalmente não podia aceitar aquele fenômeno, mas lá estava a realidade mostrada, como a lhe advertir que nem tudo é programado, preciso, que o acaso age por meios não matemáticos.

Vai ao banheiro, pensativo e incrédulo. Escova os dentes, fecha a tampa do armário, e assusta-se ao ver sua imagem refletida no espelho: está diferente, como se houvesse envelhecido vinte anos em uma noite. Estava com quarenta e dois anos e parecia ter sessenta.

Caminha pelo jardim, depois de um café tomado desajeitadamente, quase por condicionamento. Senta-se em um banco de madeira, embaixo de um flamboyant florido, a sua sombra coberta de pétalas carmins, espalhadas no chão. Sente-se vazio, indagando-se se valera a pena tanto esforço para construir o relógio, e, agora, saber que nada fizera para terminá-lo. Que o tempo, como uma entidade autônoma, um ser vivo e voluntarioso, agira por si mesmo, fazendo por ele o seu trabalho. Via-se, ele mesmo, Edgar Wanderley, como um homem que perdera o seu tempo, a sua vida, para realizar um sonho do qual ninguém participara; só ele, fechado em seu mundo privado, solipsista, ali em Locus Solus, usufruira de seu invento.

"A vida em si mesma é o tempo para o homem. Para o homem, não há e não pode haver outro tempo fora do tempo de sua vida. O homem é a sua vida. Sua vida é o seu tempo", recitou baixinho, Edgar Wanderley, como uma oração, lembrando as palavras de Cuspensky.

Via o tempo desfilando em sua mente, em seu corpo, como se ele ~~ele~~ mesmo fosse um relógio. Sabia do passado e do presente. Agora, naquele instante, pensava o que seria do seu próprio futuro.

Nunca havia pensado a respeito do seu próprio tempo, pessoal, ontológico. Agora, sente que deve dar outro rumo à sua vida. Por isso vende à Prefeitura de Triunfo a sua propriedade. Passa brevemente por sua terra natal, onde se despede dos pais e irmãos. Um ano e meio depois, seu pai recebe dele um cartão reproduzindo uma pintura tantra do Mahâkâla - o Grande Tempo. No verso lia-se: "Pai, finalmente envio notícias. Viajei por vários países da Europa. Tudo mudado. Não consegui adaptar-me lá. Em Londres, falaram-me de Auroville, onde me encontro. Não sei quanto tempo fique. Talvez para sempre. Sempre é uma palavra forte, não?"

Abraços afetuosos para todos. Do seu

Edgar.

Com o abraço
de
Montez Magno

MONTEZ MAGNO
RUA DA BOA HORA, 185-
VARADOURO-OLINDA-PE.